

# Guerra domina festival sem polêmicas

**Os Deuses e Os Mortos** divide a atenção de todos com a piscina do hotel em 1970

O VI Festival foi realizado de 27 de novembro a 3 de dezembro de 1970. Havia dúvidas quanto ao final do V Festival, em 69, quanto à sua realização. O regime militar fazia a censura trabalhar mais do que nunca e, para muitos, a piscina do hotel acabava sendo a principal atração. Não para todos, é claro.

Rogério Costa Rodrigues, por vários anos o coordenador técnico do festival, ressalta que, além do combate à censura, um dos lados mais positivos do evento era o encontro de pesquisadores do cinema, pessoas que saíam à cata da memória do cinema brasileiro, que estava sumindo: "Isso ficava meio à margem da imprensa e do grande público, que queria mesmo era ver Leila Diniz na piscina do Hotel Nacional e comparecer às festas que aconteciam nas casas do Lago". Enquanto isso, propostas sérias saíam dos seminários, documentos marcantes dentro da história do cinema brasileiro.

Em 70, a comissão de seleção assistiu 30 fitas de longa-metragem e 62 de curta-metragem. Foram selecionados 6 longas e 14 curtas. E a grande novidade foi que as sessões se transferiram para o Cine Atlântida. A sessão noturna continuava especial para convidados, sendo que os filmes eram novamente projetados no dia seguinte para o público. O preço do ingresso: 3 cruzeiros à inteira e 1,50 a meia, barato até na época, o que fazia com que o cinema ficasse inteiramente lotado.

O coronel Artur de Azevedo Henning presidia a comissão de premiação. Rogério Costa Rodrigues era o coordenador técnico e lembrava do pedido feito pelo coronel quando a comissão de seleção foi escolher os filmes no Rio e em São Paulo: "Ele se despediu de mim pedindo que trouxéssemos filmes belos, lindos. Mas era uma época de muita transgressão, de idéias novas e filmes difíceis para o grande público. Só por aí dá para se ter uma idéia do que nós encontramos nas telas. Só consegui ver um filme capaz de agradar ao coronel e aí não tive dúvida: escalei **A Moreninha**, justamente esse filme, para abrir o festival".

A verdade é que o juri sempre foi muito desequilibrado, conforme atesta o próprio Rogério: "A metade do juri era formada por notáveis da sociedade, e aí já viu: o que tinha de gente que não entendia nada de cinema não estava no gibi. Com isso, sempre algum crítico procurava dirigir o juri, para evitar horrores. Paulo Emílio, quando organizou os primeiros festivais, dava verdadeiras aulas de cinema aos jurados momentos antes das projeções. Os 'notáveis' não sabiam sequer distinguir argumento de roteiro. Para explicar o que era montagem então, nem me fale. A sorte é que o Paulo Emílio sempre foi muito hábil nesse sentido".

Foram selecionados os longas **A Moreninha**, dirigido por Glauco Mirko Laurelli, com Sônia Braga, David Cardoso, Cláudia Mello e Sônia Oiticica; **O**



Othon Bastos foi o melhor ator em 1970

**Azyllo Muito Louco**, de Nelson Pereira dos Santos (argumento baseado no conto **O Alienista**, de Machado de Assis), com Ana Maria Magalhães, Nildo Parente, Isabel Ribeiro e participação especial de Leila Diniz, **O Profeta da Fome**, de Maurice Capovilla, com José Mojica Marins, Maurício do Valle, Jofre Soares e Jean-Claude Bernardet, **Os Deuses e Os Mortos**, de Ruy Guerra, com Othon Bastos, Norma Bengell, Dina Sfat e Itala Nandi, **Pecado Mortal**, de Miguel Faria Júnior, com Fernanda Montenegro, José Lewgoy e Anecy Rocha, e **Cavalaria My Friend**, de Álvaro Guimarães com trilha sonora dos Novos Baianos e participação especial de Baby Consuelo.

Entre os curtas selecionados, uma novidade: **Batuque**, desenho animado produzido por Luis Fernando Graça Melo. Além disso, **Gal**, de Antônio Carlos Fontoura, **Brasília, Ano Dez**, de Geraldo Sobral, **Viva Cariri**, de Geraldo Sarno, **Ouro Preto/Semana Santa/1970**, de Olívio Tavares de Araújo (produzido pelo INC), **Depoimento**, de Roberto Farias, **Poética Popular**, de Ipojuca Pontes, **Eu Sou Minha Vida, Eu Não Sou Morte**, de Haroldo Marinho Barbosa com Fernanda Montenegro (única ficção entre os curtas), **Tarzan**, de David Neves e Michel do Espírito Santo, **Prá Frente Brasil**, de Plácido de Campos Júnior, **Frei Damião: Trombeta dos Afliitos, Martelo dos Hereges**, de Paulo Gil Soares, **Arrasta Bandeira Colorida**, de Aluysio Raulino e Luna Alkalay, **Festa de Nossa Senhora da Penha**, de Renato Neuman e Rachel Esther Figner Sisson, e **Silvino Santos — O Fim de Um Pioneiro**, de Domingos Demasi e Roberto Kahané.

Fora de competição, foram exibidos ainda **Vestibular 70**, primeiro filme do Departamento de Cinema da UnB, com direção de Vladimir Carvalho, e **Fragmentos da Terra Encantada e 1922 — A Exposição da Independência**, ambos de Silvino Santos.

N o dia 1º de dezembro foi aberto o I Encontro Nacional dos Cursos de Cinema, com reunião inaugural às 15h00, no auditório do Departamento de Música da UnB. Surgiram problemas domésticos entre o Departamento de Cinema, vinculado ao Instituto de Artes, e o Departamento de Comunicação, vinculado ao Instituto de Estudos Sociais, sendo que um aluno do curso de cinema da UnB chegou a tentar impugnar a delegação do Departamento de Comunicação, o que não foi



A Moreninha Sônia Braga

aceito pelo plenário. Ao mesmo tempo, alunos de outros Estados constantemente divergiam dos relatórios apresentados por seus professores acerca do andamento dos cursos.

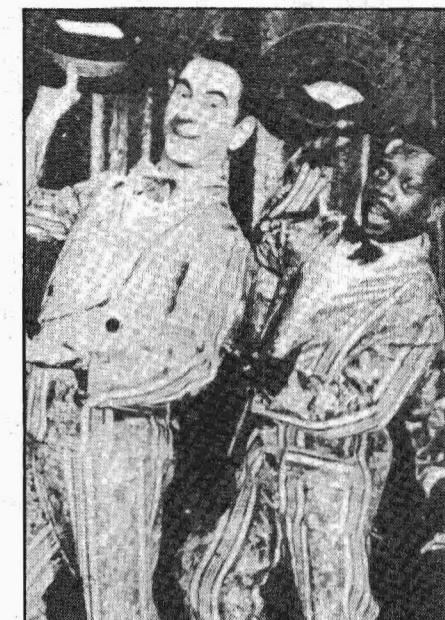
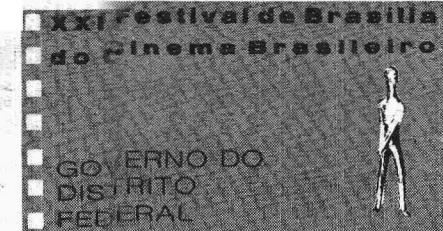
Entre os convidados presentes ao Festival, Sônia Braga, Othon Bastos, João Batista de Andrade, Norma Bengell, Paulo José, Itala Nandi, Dina Sfat, e como não podia deixar de ser, Leila Diniz, de quem correram boatos de que não viria porque estava com rubéola.

O festival se encerrou dia 3 de dezembro, uma quinta-feira, sem maiores polêmicas com a censura. Durante a entrega dos prêmios foi prestada uma homenagem a Oscarito, cuja viúva recebeu das mãos de Grande Otelo um troféu especial. Depois foi exibido, fora da competição, o longa **Paulicéia Fantástica**, de João Batista de Andrade, um documentário com trilha sonora de João Silvério Trevisan.

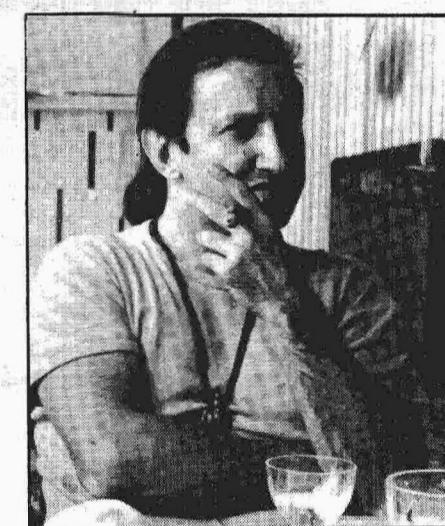
Ruy Guerra foi o grande vencedor do Festival com **Os Deuses e os Mortos**, melhor filme pela decisão do juri oficial. Entre os curtos, venceu **Batuque**, dirigido por Stil. O prêmio de público foi para **A Moreninha**, entre os longas e para **Batuque** entre os curtos. O Prêmio Walter da Silveira, oferecido pela crítica cinematográfica, ficou com **Pecado Mortal**. **Azyllo Muito Louco** e **Viva Cariri** receberam os prêmios de melhor produção em longa e curta-metragem, respectivamente, além do troféu **Carmen Santos**, oferecido pelo INC.

Othon Bastos foi escolhido o melhor ator e Dina Sfat a melhor atriz, ambos pelo trabalho em **Os Deuses e Os Mortos**, José Lewgoy, que atuou em **Pecado Mortal**, ganhou o prêmio especial do juri. Os demais premiados: Maurício do Valle (**Profeta da Fome**) foi o melhor ator coadjuvante, Júlia Miranda (também do **Profeta**) foi a melhor atriz coadjuvante, a melhor fotografia ficou com Dib Lufti (**Azyllo Muito Louco** e **Os Deuses e Os Mortos**), a melhor cenografia ficou com Marcos Weinstock (também em **Os Deuses...**), melhor figurino para Luiz Carlos Ripper (**Azyllo...**), melhor argumento, roteiro e diálogo para Maurice Capovilla e Fernando Peixoto em **O Profeta da Fome**, melhor trilha sonora para Milton Nascimento (**Os Deuses...**) e, por fim, melhor montagem para Sílvio Renoldi (**O Profeta da Fome**). O prêmio **Margarida de Prata**, oferecido pela OCIC, foi para **Viva Cariri**, de Geraldo Sarno, "levando-se em conta que o documentário se impõe como fonte de renovação do cinema brasileiro, como instrumento de captação e interpretação de nossa realidade".

Ruy Guerra e o crítico José Carlos Avellar reclamaram da falta de atividades paralelas ao Festival e propuseram que no ano seguinte fossem promovidos debates sobre os filmes exibidos, a exemplo dos festivais internacionais. A maior diversão durante o dia acabava sendo mesmo o jogo de gamão na beira da piscina, que tinha no próprio Ruy e no ator Arduíno Collaçanti grandes aficionados.



**HOMENAGEM** — Quem se lembra dessa verdadeira dupla dinâmica? Nem **Sansão, nem Dalila**, nem Oscarito. Entre **Matar ou Correr**, o nosso Carlitos preferiu morrer, ou não teve muita opção, porque essas coisas a gente não escolhe mesmo. Ele foi o grande homenageado em 1970 e sua viúva recebeu um troféu especial das mãos de Grande Otelo.



**PASSATEMPO** — Se por um lado Ruy Guerra levava os principais prêmios do VI Festival com o seu **Os Deuses e Os Mortos**, por outro ele reclamava da falta de uma programação paralela à exibição dos filmes e sugeriu que no próximo ano fossem realizados debates sobre as películas em competição. Enquanto isso não ocorria, o negócio era jogar gamão na piscina.



**NOVAS PULSAÇÕES** — Em 1970 o curso de cinema da UnB ainda seguia em frente a todo vapor. Assim é que foi exibido no festival daquele ano, fora da competição oficial, o primeiro filme do Departamento de Cinema da UnB. Era **Vestibular 70**, curta dirigido por Vladimir Carvalho e realizado com alunos.